

JN

Jornal de Notícias

Romances ligados ao Holocausto estão na moda e ajudam a mitigar crise nas livrarias

P. 39



UEFA Viagem atribulada do Dragão rumo a Marselha P. 46

Baixas do Benfica obrigam Jesus a improvisar em Glasgow P. 49

PUBLICIDADE

Precisa de dinheiro?

Conheça a venda com opção de compra! Pode vender o seu ouro e voltar a comprá-lo, pagando-o até 24 suaves prestações.

VOC 24

Venda com Opção de Compra

Valores

especialistas em OURO

808 256 737

WWW.VALORES.PT

Lista negra de pedófilos atinge número recorde

São 5700 os condenados por abusos sexuais a crianças

Num ano, foram somados 330 nomes ao registo

Documento nunca foi pedido por pais ou professores Página 20

Redução do IMI pelas autarquias dá poupança até 300 euros a cada família

P. 4 e 5

Fundos Norte espera 15 mil milhões da bazuca europeia P. 14 e 15

Investigação PJ encontra fortuna em notas na mala de carro P. 22

Orçamento PS cede ao PCP e aprova reforço de médicos P. 16

Quando o hospital vai a casa tratar os doentes

Programa engloba 29 unidades de saúde e já cuidou de 3400 pacientes até setembro P. 8 e 9



Cecília Vieites é seguida por profissionais do Amadora-Sintra

Pandemia Violência sobre as mulheres aumentou durante a segunda vaga

Policia sinalizou cerca de 800 suspeitos desde janeiro P. 12

Covid Portugal com 4 mil mortes mas longe de fazer o luto

Marta Temido pede união para "suportar dias difíceis" P. 10



FOTOS: BERNALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGES



“Davam-me alta e passados dois dias estava no hospital”

Cecília Vieites, uma das primeiras doentes que o Amadora-Sintra internou em casa, diz que este sistema “faz falta”

lhor coisa que podiam ter feito”, conta a paciente.

“O critério não é a patologia, mas a capacidade de tratar em casa”, explica Ana Brito, acrescentando que são principalmente casos de doença aguda ou descompensações de doenças crónicas os selecionados para a hospitalização domiciliária.

Muita vezes, a dificuldade de internar um doente em casa é conseguir que tenha um cuidador disponível. “Tirei os dias de férias que tinha e agora estou de baixa por assistência à família”, conta a filha. Mas por cuidar de um ascendente, estes dias não são remunerados.

Além da parte clínica, Ana Brito destaca a importância dos afetos, principalmente

para os doentes mais velhos. É que, em tempos de pandemia, os internados nos hospitais não podem receber visitas, o que faz aumentar a “sensação de abandono”.

FALTA DE PROFISSIONAIS

Não que neste caso seja diferente: além da filha, Cecília Vieites não recebe mais nenhum familiar enquanto estiver hospitalizada. Mas sabe os nomes de todos os profissionais de saúde que a acompanham. E os cerca de 40 minutos que passam, em média, com ela e com os restantes doentes, são muito mais personalizados do que seriam no hospital, mesmo com a barreira que os fatos de proteção criam. “Aqui,

estou muito bem. Que isto se prolongue para outros lados, porque faz falta”.

Esta unidade entrou em funcionamento a 21 de outubro. A equipa tem capacidade para dar resposta a cinco doentes internados (camas) em simultâneo. O objetivo é chegar ao fim de 2021 com 15 camas, prestando cuidados domiciliários a mais de 500 doentes.

“Estabelecemos 15 camas por ser um objetivo realista. Não quer dizer que o número não possa aumentar”, sublinha o médico Fernando Aldomiro – já na sede da unidade. O principal entrave, explica, é a carência de recursos humanos. Problema crónico do hospital, que está sempre abaixo dos “ratios” adequados, e cuja carência a covid-19 acentuou.

“Para nós, faz sentido. E agora mais, porque os serviços estão sobrelotados”, diz. Mas são os doentes os maiores beneficiados. Na grande maioria são idosos, na casa dos 80 anos, a quem o internamento hospitalar causa mais transtorno: “ficam confusos, desorientados”.

Em casa, “é o meio deles, o ritmo das famílias”, e reduzem-se os riscos inerentes à hospitalização, como as infeções, quedas ou feridas por estarem muito tempo deitados. ●

O relato de uma doente: “diferença é da noite para o dia”

Santa Maria iniciou projeto em janeiro

CÓMODO Das três semanas e meia de internamento no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, Lara Freitas, de 41 anos, passou duas em hospitalização domiciliária em setembro. Não foi encontrada causa para a febre alta que tinha e o tratamento prescrito consistia na administração de antibióticos duas vezes ao dia.

“Seria uma bactéria, tenho alguns problemas respiratórios”, contou ao JN. Quando lhe propuseram a possibilidade de ficar o resto do tratamento em internamento domiciliário, respondeu que sim.

“É completamente diferente estar no conforto da nossa casa. Como da noite para o dia”, acrescentou. Além de ser mais cómodo, Lara Freitas destacou ainda a proteção em relação às infeções hospitalares e a qualidade da alimentação, como mais-valia do sistema.

No entanto, todo o acompanhamento que teve não foi diferente do que lhe foi dado no hospital. A equipa vinha “sempre de manhã e à noite, porque a toma do antibiótico era de 12 horas”. Os profissionais de saúde “mediam a temperatura e a tensão. Cumpriam os parâmetros todos”.

MAIS DE 100 INTERNADOS

O projeto da hospitalização domiciliária no Centro Hospitalar de Lisboa Norte (hospitais de Santa Maria e Pulido Valente) começou no início do ano. Paula Moraes, enfermeira coordenadora da unidade de hospitalização domiciliária, revelou que, até ao início de novembro, a unidade tinha já internado 101 doentes. Nessa altura, o número de camas passou de seis para oito.

“Essencialmente, melhora a qualidade de vida da pessoa. Há menos risco de infeções, nenhum dos nossos doentes teve de ser reinternado”, sublinhou. ● A.G.



Ana Brito e Ricardo Rio tratam Cecília Vieites, sob o olhar da filha Marina. Em cima, à direita, outros elementos da unidade: as enfermeiras Joana Alexandrino e Lurdes Toscano e o médico Fernando Aldomiro

Mais de 3400 doentes foram internados e tratados em casa até setembro

Programa funciona em 29 hospitais e cresceu 800% desde janeiro. Tutela quer alargar resposta à pediatria e oncologia



Ana Gaspar
agasp@jn.pt

SAÚDE O Hospital Dr. Fernando Fonseca (Amadora-Sintra) é o mais recente a avançar com o programa de hospitalização domiciliária, aumentando para 29 o número de unidades com esta valência. Até setembro, foram internados em casa 3476 doentes para receber parte ou até a totalidade do tratamento hospitalar, adiantou ao JN o diretor do Programa Nacional de Hospitalização Domiciliária, Delfim Rodrigues, o que significa um acréscimo de 800% desde janeiro (até ao início de 2020, apenas 385 doentes tinham sido internados ao abrigo da hospitalização domiciliária).

Segundo o responsável, a covid-19 contribuiu para que os hospitais “aumentassem bastante a atividade” da hospitalização domiciliária, dando assim o seu contributo na libertação de camas. Como aconteceu com o Amadora-Sintra, que lançou o serviço em plena segunda vaga da pandemia.

Atualmente, o número de “camas” (equipas para tratar doentes no domicílio em simultâneo) chega às 200. “É como se tivéssemos construído de raiz um hospital de 200 camas”, subli-

na o responsável, acrescentando que a hospitalização domiciliária foi a linha de prestação de serviço que mais aumentou no Serviço Nacional de Saúde (SNS).

E o seu incremento está contemplado no Plano de Saúde para o Outono-Inverno 2021 para servir três objetivos: proteger doentes e famílias do contacto hospitalar; preservar os profissionais de saúde; e libertar camas hospitalares para os casos “em que sejam estritamente necessárias”, prosseguiu o médico.

Na nota explicativa do Orçamento do Estado para o próximo ano, o Ministério da Saúde anunciou pretender “a introdução desta resposta em situações do foro oncológico e pediátricas”.

INTERNADOS MENOS TEMPO

Além do conforto para os doentes e da humanização do tratamento, há outros ganhos em saúde potenciados por este sistema. Os tempos médios de internamento “têm diminuído consideravelmente”, explica. Podem ser dois a três dias a menos do que um doente com o mesmo diagnóstico, idade, estatuto de saúde e comorbilidades internado no hospital. “O que é muito considerável, por exemplo, num internamento de sete

dias”. E como os doentes têm outra mobilidade, há menos perda de massa muscular, “porque nos hospitais estão sempre deitados, mesmo os que têm autonomia de vida diária”.

O médico fala ainda numa diminuição de 24% na taxa de mortalidade e de 30% nas taxas de reinternamento dos doentes mais idosos. Não se verificam infeções hospitalares e há uma maior agregação das equipas. Já a satisfação de doentes, famílias e profissionais de saúde está entre os 95% e os 100%.

POUPANÇA DE 5 MILHÕES

Além dos ganhos em saúde, os hospitais conseguem reduzir para quase metade os custos (diretos e indiretos) médios de internamento, com a hospitalização domiciliária. Delfim Rodrigues estima uma “redução de 40% a 50% em alguns casos”. O que em 3476 doentes tratados corresponde a 4980 mil euros.

Segundo o especialista, dependendo do grau de organização das unidades hospitalares, pôr um programa destes no terreno não envolve tantos profissionais como os que são necessários no hospital. Mas a sua expansão acabará por obrigar à contratação de mais profissionais de saúde. ●



horas sete dias por semana

As equipas funcionam como uma enfermaria. Fazem visitas duas vezes ao dia e estão de prevenção durante a noite. Podem acorrer a uma emergência a qualquer hora.

SAÚDE Os últimos meses de Cecília Vieites, de 85 anos, não foram nada fáceis. A queixa chega-nos pela filha, Marina Vieites, que se tornou cuidadora da mãe desde que esta passou a integrar o programa de Hospitalização Domiciliária do Hospital Dr. Fernando da Fonseca (Amadora-Sintra).

“Desde fevereiro que estava um mês internada e duas semanas em casa. Começou a ter pavor do hospital”, conta, enquanto a mãe é tratada pela médica Ana Brito e pelo enfermeiro Ricardo Rio, a equipa escalada para a visita desta segunda-feira de manhã. Cecília, a receber antibiótico por via venosa, para tratar uma bactéria multiresistente que se juntou a outros problemas renais, confirma o relato: “Davam-me alta, e passados dois dias voltava para o hospital”.

Nos pulsos tem as pulseiras de doente e na enorme mochila que o enfermeiro Ricardo trás às costas vêm os materiais consumíveis que podem fazer falta e que não estão já na casa. As visitas são diárias, sete dias por semana, de manhã e à tarde.

Por isso, foi com agrado que acolheu a proposta de ficar internada em casa. Modalidade que desconhecia. “Acho maravilhoso. É a me-

SABER MAIS

Almada foi pioneiro
O Garcia de Orta, em Almada, comemora este mês cinco anos sobre o arranque do projeto. Foi o primeiro hospital com uma Unidade de Hospitalização Domiciliária, inicialmente como projeto-piloto, e arrancou em força em 2018.

Barreiro alarga

O Centro Hospitalar Barreiro Montijo alargou a hospitalização domiciliária à área médica. Destina-se a doentes incuráveis ou em situação terminal. Desde 2019 que interna em casa doentes da área cirúrgica.

CUF com 30 camas

O Hospital da CUF foi o primeiro privado a avançar com a hospitalização domiciliária. Desde junho internou 28 doentes. A unidade que abrange a Grande Lisboa tem capacidade para 30 camas.